



6 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 25 de maio de 2022

Bolsas	
Na terça-feira	
0,21%	São Paulo
0,15%	Nova York

Pontuação B3	
Ibovespa nos últimos dias	
107.005	110.581
19/5	20/5
23/5	24/5

Salário mínimo
Na terça-feira
R\$ 1.212

Dólar
Últimas cotações (em R\$)
18/maio 4,983
19/maio 4,917
20/maio 4,874
23/maio 4,805
R\$ 4,812
(+0,14%)

Euro
Comercial, venda na terça-feira
R\$ 5,165

Capital de giro
Na terça-feira
6,76%

CDB
Prefixado 30 dias (ao ano)
12,80%

Inflação
IPCA do IBGE (em %)
Dezembro/2021 0,73
Janeiro/2022 0,54
Fevereiro/2022 1,01
Março/2022 1,62
Abril/2022 1,06

PETROBRAS

Para analistas, troca de comando na estatal reflete objetivos políticos do presidente Jair Bolsonaro. Papéis têm queda na bolsa

Mercado reage mal a ação do governo

» MICHELLE PORTELA

O mercado reagiu mal ao anúncio de mais uma troca de comando na Petrobras. As ações da estatal operaram em queda nas bolsas de valores do Brasil e dos Estados Unidos, ontem, um dia após o governo informar que José Mauro Ferreira Coelho, que assumiu o cargo há apenas 40 dias, será substituído por Caio Paes de Andrade, atual secretário de Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia.

A troca, que deverá ser acompanhada de outras mudanças na diretoria e no conselho de administração da empresa, é vista como uma interferência direta do governo na gestão da petroleira e um passo decisivo para que seja alterada a política que atrela o preço dos combustíveis ao mercado internacional. Consequência dessa política, os sucessivos aumentos da gasolina e do diesel são o maior fator de desgaste político para o presidente Jair Bolsonaro (PL), que vai tentar a reeleição em outubro.

Em nota divulgada na noite de segunda-feira, a Petrobras esclareceu que a mudança na presidência implicará na destituição dos integrantes do Conselho de Administração que, assim como Coelho, foram eleitos pelo mesmo processo de voto múltiplo na Assembleia Geral Ordinária realizada em 13 de abril passado. A estatal informou ainda que deverá realizar nova eleição para os cargos vagos, em data a ser definida. Normalmente, o processo todo pode levar de 30 a 60 dias.

Uma das idéias em consideração na Esplanada dos Ministérios é que, após as mudanças, a companhia passe a trabalhar com períodos mais longos entre os reajustes de combustíveis,

Desvalorização

As ações ordinárias da Petrobras tiveram queda de 2,96% na Bolsa de Valores de São Paulo (B3), ontem, terminando o dia cotadas a R\$ 34,40. Já as preferenciais, que não dão direito a voto, mas têm preferência na distribuição de dividendos, sofreram um tombo de 3,60%, sendo vendidas a R\$ 31,60 no fechamento. Em Nova York, a queda dos ADRs (American Depositary Receipts) da petroleira, equivalentes a ações, foi menor do que indicavam os registros de pré-mercado. No fim do dia, os ADRs PBR valiam US\$ 14,23, com recuo de 3,80%, enquanto os PBR-A sofreram baixa de 4,22%, negociados a US\$ 12,98.

de modo a minimizar o impacto dos aumentos na estratégia eleitoral do presidente. Ontem, em Davos, na Suíça, onde participa do Fórum Econômico Mundial, o ministro da Economia, Paulo Guedes, classificou de equivocada a reação do mercado e foi lacônico ao comentar a mudança na estatal. "O presidente Jair Bolsonaro escolhe o ministro Adolfo Sachsida, o ministro escolhe o presidente da Petrobras", disse em conversa com jornalistas. "O Conselho da petroleira ratifica o nome do ministro escolhido e a diretora da estatal", completou Guedes. "E eles definem a política de preço dos combustíveis."

Arquivo/Petrobras



Sede da Petrobras, no Rio: com novos dirigentes, empresa pode passar a segurar por mais tempo reajuste no preço dos combustíveis

Para analistas, o sinal está dado. A Petrobras tem um sistema de governança "muito bom e muito forte, e os recentes episódios envolvendo a companhia mostram que o chefe do Executivo está preocupado somente com sua reeleição", comentou o advogado e ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) Ary Oswaldo Mattos Filho.

Ele destacou que uma ingerência de fato sobre a companhia leva algum tempo para ser implementada, até que todas as regras sejam alteradas. Na prática, se aproximaria do momento das eleições presidenciais. "É uma tentativa de manipulação

da empresa para atender a um objetivo meramente eleitoral", acrescentou Mattos Filho.

A indicação de Caio Paes de Andrade causou incerteza no mercado também por causa da falta de experiência dele com o setor de petróleo e gás, como o estatuto da Petrobras exige de seus dirigentes. Esse fato, porém, não seria um impedimento à nomeação, segundo alguns especialistas. "A Lei das Estatais tem que ser interpretada de forma razoável, na perspectiva da liberdade de exercício da atividade profissional. Caio Andrade tem uma sólida formação em gestão e administração de empresas. Integrou o

Ministério da Economia. Tem robusta formação acadêmica que lhe permite administrar uma estatal do porte da Petrobras. A lei não exige especialização direta no segmento da empresa", disse Fábio Medina Osório, ex-ministro da Advocacia-Geral da União (AGU).

Caio Paes de Andrade é formado em comunicação social pela Universidade Paulista (Unip) e fez pós-graduação em administração e gestão pela Universidade Harvard (1992-1993), nos Estados Unidos. Ele também é mestre em administração de empresas pela Universidade Duke (1997-1998), também nos EUA. Foi presidente do Serpro até agosto do ano passado.

O advogado Marçal Justen Filho, do escritório de Advocacia Justen, Pereira, Oliveira & Talamini, avalia que a indicação não terá impedimentos para ser consolidada. "Não existe impedimento jurídico a que a União, como acionista controladora da Petrobras, delibere substituir um administrador (ou todos eles). A medida, se injustificada, até poderia ser enquadrada como exercício abusivo do poder de controle, acarretando a responsabilização civil do acionista controlador pelos prejuízos sofridos por acionistas e investidores. De resto, é necessário que o novo administrador preencha os requisitos exigidos na lei e no estatuto", disse.

Pode faltar diesel, diz FUP

A Federação Única dos Petroleiros (FUP) emitiu nota, na tarde de ontem, para alertar que o Brasil corre o risco de desabastecimento de óleo diesel no início do segundo semestre deste ano, em função da prevista escassez de oferta no mercado internacional e do baixo nível dos estoques mundiais.

"Apesar de ser autossuficiente na produção de petróleo, o Brasil importa atualmente cerca de 25% de suas necessidades de diesel no mercado interno, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível (ANP), devido à baixa utilização das refinarias brasileiras e a não conclusão de obras importantes no setor", afirma o comunicado da FUP.

De acordo com a entidade, a demanda brasileira pelo produto tende a crescer a partir de junho e julho próximos "com a colheita da safra agrícola, a maior circulação de caminhões e a esperada retomada do consumo no período pós-pandemia da covid 19".

Para os petroleiros, a dependência pelo produto importado revela o equívoco da política do



Exigimos transparência com relação ao estoque de diesel para o mercado interno. O novo presidente da Petrobras precisa dizer para a categoria se os preços vão parar de subir e se existe risco de desabastecimento"

Wallace Landim, o Chorão, um dos líderes dos caminhoneiros

governo Bolsonaro que não criou novas refinarias, reduziu investimentos no setor do refino e decidiu vender unidades da Petrobras. A FUP destaca que o fornecimento de diesel tornou-se tema de grave preocupação desde que as sanções contra a Rússia

alteraram o comércio de combustível.

"A Índia está produzindo diesel com petróleo russo e exportando para a Ásia e o Brasil. Porém, grande parte do diesel importado pelo Brasil, cerca de 80%, é fornecido pelos Estados Unidos, que estão mandando muito produto para a Europa. Há possibilidade real de faltar diesel no mercado brasileiro ou de o preço desse combustível explodir no país", ressalta o coordenador da FUP, Deyvid Bacelar. Ele criticou, ainda, a troca de comando na Petrobras, que classificou como "um movimento eleitoral e desesperado do presidente Jair Bolsonaro, para tentar se descolar da escalada de reajustes dos combustíveis".

Caminhoneiros

Principal segmento afetado pelos altos preços do óleo diesel, os caminhoneiros voltaram a subir o tom contra o governo e ventilam a possibilidade de uma paralisação, caso a situação dos preços dos combustíveis não seja resolvida. Em vídeo divulgado na

ED ALVES/CB/D.A.Press



Afetados pela alta do combustível, caminhoneiros sobem o tom e aumentam cobranças ao governo

quarta-feira, e em nota, ontem, Wallace Landim, o Chorão, um dos principais líderes da categoria, cobrou uma atitude de Bolsonaro, que foi apoiado pelos caminhoneiros na campanha de 2018.

"Exigimos transparência com relação ao estoque de diesel para o mercado interno. O novo

presidente da Petrobras precisa dizer para a categoria se os preços vão parar de subir e se existe risco de desabastecimento", disse Chorão.

"Ou o senhor chama a responsabilidade, chama o conselho administrativo da Petrobras, chama o Ministério da Economia, quem o

senhor quiser. Porque, senão, esse país vai parar novamente. A categoria já está parando por não ter condições de rodar, a classe pobre não tem condições de comer. Chame a responsabilidade, porque senão esse país vai estar parado e a responsabilidade é sua", declarou Chorão, no vídeo. (MP)